



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS IV**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MATEUS VIEIRA DOS SANTOS

**A REALIDADE DE MISÉRIA, SECA E OPRESSÃO ENFRENTADA PELOS
RETIRANTES NORDESTINOS NA OBRA *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO
RAMOS**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2024**

MATEUS VIEIRA DOS SANTOS

**A REALIDADE DE MISÉRIA, SECA E OPRESSÃO ENFRENTADA PELOS
RETIRANTES NORDESTINOS NA OBRA *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO
RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB como um dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Mateus Vieira dos.
A realidade de miséria, seca e opressão enfrentada pelos retirantes nordestinos na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos [manuscrito] / Mateus Vieira dos Santos. - 2024.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo, Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. seca. 2. literatura. 3. sociedade. 4. opressão. I. Título

21. ed. CDD 869.93

MATEUS VIEIRA DOS SANTOS

**A REALIDADE DE MISÉRIA, SECA E OPRESSÃO ENFRENTADA PELOS
RETIRANTES NORDESTINOS NA OBRA *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO
RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como um dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Aprovado em: 24 de junho de 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo
(Orientador - Universidade Estadual da Paraíba/UEPB)



Prof. Esp. Natan Severo de Sousa
(Examinador Interno - Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)



Prof. Me. Romulo César Araújo Lima
(Examinadora Externa – Universidade Estadual da Paraíba UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2024

À minha mãe, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a **Deus**, pois se não fosse Ele, a Sua providencia e o Seu amor eu não teria chegado até aqui. Teria sucumbido perante as dificuldades vividas ao longo da minha trajetória. Sem dúvidas, foi Ele que me auxiliou durante o curso, dando-me graça nos momentos difíceis.

Agradeço ao meu orientador **Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo** pela paciência nas orientações, pelo auxílio constante na construção desta pesquisa, bem como ao **Sr. Francisco Bezerra da Costa** (Irmão Neto) pela cordialidade e atendimento constante no decorrer do curso.

Também agradeço aos meus pais – **Espedito Vieira Diniz** e **Marta Maria dos Santos Diniz**. Se não fosse vocês a minha existência estaria bastante comprometida. Agradeço cada ajuda que me prestaram, cada conselho dado nos momentos de dores e sofrimento, bem como o apoio emocional e financeiro que dispensaram a mim. De igual modo, estendo este agradecimento aos meus dois irmãos – **Ezequias Vieira dos Santos** e **Ezequiel Vieira dos Santos**.

Quero fazer um agradecimento muito especial a **Mateus Fernandes Carneiro**, por ele ter sido muito importante durante a minha estadia no curso. Agradeço o auxílio que sempre me prestava nos momentos de dificuldade, creio que sem a ajuda e a amizade dele teria sido bem mais difícil a minha estadia no curso.

RESUMO

Neste trabalho foram discutidas as questões sociais presentes no livro *VIDAS SECAS* de Graciliano Ramos. Abordou-se os problemas relativos à seca, à miséria e a opressão dos poderosos sobre os mais vulneráveis. O objetivo geral visou compreender as dificuldades enfrentadas pelos retirantes nordestinos em *VIDAS SECAS* de Graciliano Ramos, propondo-se especificamente a analisar e elucidar a realidade de miséria e opressão vivida pela família do protagonista do romance. A priori, nesta pesquisa, expôs-se um apanhado bibliográfico sobre a vida e a obra de Graciliano, contando com uma discussão sobre a relação entre a literatura e a sociedade. Por fim, estabeleceu-se uma análise da vida e do texto de Ramos, procurando encontrar e comprovar um ponto de vista acerca da obra. Assim, este trabalho está pautado nas concepções e na bibliografia de Botoso (2013), Candido (2006) Marques (2023) Ramos (1986) Santos (2008) Santos e Neto (2023) entre outros. Diante dos resultados, alcançou-se os objetivos pretendidos na construção deste texto, constatou-se situações constantes de vulnerabilidade em que foram enfrentadas tanto a miséria como a opressão por parte dos seus superiores, com base na visão sociológica da obra que denunciou a realidade de injustiça social.

Palavras-Chave: Seca. Literatura. Sociedade. Opressão.

ABSTRACT

In this work the social issues present in the book *VIDAS SECAS* by Graciliano Ramos were discussed. Problems relating to drought, the poverty and the oppression of the powerful over the most vulnerable were addressed. The general objective aims to understand the difficulties faced by northeastern migrants in *VIDAS SECAS* by Graciliano Ramos, specifically proposing to analyze and elucidate the reality of misery and oppression experienced by the family of the novel's protagonist. A priori, in this research presented a bibliographical overview of the life and work of Graciliano, including a discussion about the relationship between literature and society and finally, an analysis of Ramos' life and text was presented, seeking to find and prove a point of view in the work. Thus, this work was based on the conceptions and bibliography of Ramos (1986), Candido (2006), Santos (2008), Botoso (2013), Santos e Neto (2023), Marques (2022), among others. Given the results, the objectives intended in the construction of this text were achieved, constant situations of vulnerability were found in which they were faced both poverty and oppression by their superiors, based on the sociological vision of the work that denounced the reality of social injustice.

Keywords: Drought. Literature. Society. Oppression.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	VIDA E A OBRA DE GRACILIANO RAMOS	12
2.1	A TRAJETÓRIA DE UM SÁBIO NO SERTÃO	12
2.2	CAETÉS	14
2.3	SÃO BERNARDO	15
2.4	ANGÚSTIA.....	15
2.5	VIDAS SECAS.....	16
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
3.1	O TEXTO LITERÁRIO E A SOCIEDADE	17
4	ANÁLISE DA OBRA	22
4.1	UMA REALIDADE DE SECA E MISÉRIA.....	22
4.2	UMA OPRESSÃO DOS GRANDES.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Alguns fatores são determinantes na construção da identidade de uma nação ou povo, entre eles está a literatura. Aqui, assim como em outras nações, tivemos várias figuras importantes que propiciaram a formação do nosso cânone literário a partir das suas contribuições no processo cultural e erudito da literatura, das quais se destaca Graciliano Ramos.

Em sua obra, Graciliano deixou diversas contribuições para a nossa tradição literária, principalmente, em quatro dos seus romances: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angustia* (1937) e *VIDAS SECAS* (1938), em que ele fincou as suas bases ficcionais no período conhecido como segunda fase modernista ou geração de trinta, tal como a maioria dos seus contemporâneos que produziram textos e desenvolveram visões emergentes sobre a realidade da sociedade brasileira.

Seus textos são caracterizados por mostrar a realidade social deste país na época retratada (década de 1930), as minúcias, muitas vezes esquecidas, de uma classe desvalida, explicitando os problemas sociais sob a ótica de questões estruturais do Brasil. Com isso, a obra de Graciliano representou uma “voz de denúncia” em meio a tantas outras que estavam caladas ou complacentes com a realidade vivida.

Em sua escrita encontramos uma abordagem diferente sobre o homem e a sociedade, o que, sem dúvida, cooperou para a relevância das suas obras, pois, naquele momento, elas corroboraram para uma consciência da realidade vigente, mediante uma linguagem rigorosa e sem floreios, mostrando aos leitores a situação crítica de quem vivia esquecido e/ou marginalizado em determinados lugares desta nação.

Por conseguinte, Graciliano, juntamente com outros autores, deu partida à escola literária do Regionalismo. Assim, ele buscou trabalhar temas relevantes que se referiam ao interior do Brasil, mais precisamente, ao nordeste do país. Nesse interim, abordou temas de cunho social que faziam referência à seca, à fome, à desigualdade, etc.

Tais temáticas aparecem de maneira abundante em seus livros, que também apontam denúncias sociais, até então em evidência sob o contexto daquela nova escola literária. O autor retratou a seca que devastava a caatinga, matava os animais, dizimava as lavouras e vitimava os moradores da região que deixavam suas terras em busca de subsistência.

O livro que decidimos abordar nesta pesquisa trouxe várias contribuições para a literatura brasileira, pois fez emergir à superfície literária muitos temas esquecidos ou pouco debatidos por grandes escritores. Em *VIDAS SECAS* veio à tona uma nova configuração da

abordagem literária que trazia o nordestino, suas lutas e crises, em evidência. Tudo traçado em um retrato realista e bem delineado do sertão, sem camuflar ou esconder os problemas associados a ele.

Nesta obra são colocadas as principais nuances do sertanejo: como ele se comportava em meio a uma realidade inóspita, repleta de dificuldades, demonstrando na figura de Fabiano o típico vaqueiro nordestino, fiel representante da cultura interiorana, expondo com clareza não somente as suas limitações, como também a sua luta em busca de uma vida melhor, tentativas estas que, em sua maioria, fracassavam.

Dessa forma, Graciliano ficou conhecido como escritor por ter mudado a face da literatura brasileira, visto que seus esforços se pautaram em tratar temas antes não discutidos pela bibliografia romântica tradicional. Em seus textos, ele abordou um Brasil desconhecido pela maioria dos brasileiros, também preconizou, na construção dos seus personagens, uma visão mais interna, psicológica, como muitas vezes aparece em *VIDAS SECAS*, com relação ao personagem Fabiano, mostrando as lutas interiores quando em momentos de dificuldade.

Ademais, por ser comunista e bastante politizado, Graciliano também realizou denúncias sociais e políticas por meio de suas obras, em que aparecem constantemente a opressão dos coronéis, dos grandes políticos sobre os mais pobres, bem como muitos dos problemas relativos à vida daqueles que se encontram a margem da sociedade – pessoas que vagam de uma parte a outra, que moram em casas de pau-a-pique, sem o mínimo necessário para sobreviver.

Para a construção desta pesquisa, foi trabalhado livro *VIDAS SECAS* visto que o mesmo trata sobre temas sociais, essa temática tende a atrair o interesse da maioria dos estudantes, pois corriqueiramente, estamos cercados por elas. Questões relativas a sociedade são sempre instigantes, pois desde os tempos mais remotas os brasileiros enfrentam este tipo de dificuldade como sobreviver frente as grandes secas e as temporadas de fome.

Graciliano Ramos não se trata de escritor desconhecidos para muitos, pois desde o ensino fundamental e médio os discentes já entram em contato com ele. A obra do referido autor nos atrai, pois constrói um enredo muito rico no que se refere à cultura nordestina e aos seus meios de vida. Mostrando como eles se comportam diante dos seus constantes sofrimentos e dificuldades advindas das secas que são recorrentes naquela região.

No intercurso deste trabalho, abordamos as temáticas que compõem o enredo do texto literário a fim de construir uma linha de pensamento contundente acerca dos problemas político-sociais presentes na obra analisada. Desta forma, buscamos discutir e evidenciar, na realidade

nordestina, não somente aspectos positivos, mas, sobretudo, os problemas que desolaram o nosso povo, tais como a seca, a desigualdade e a miséria.

Vale ressaltar que, neste trabalho, abordamos temas referentes à sociedade dos anos 1930, período que aparece no romance *VIDAS SECAS* e ficou marcado por grandes fenômenos sociais, principalmente, no interior do Brasil. Do mesmo modo, além do contexto da época, analisamos as personagens que integram o livro supracitado, observando as lutas para sobreviver em um meio tão inóspito e, na vida diária, o sofrimento, e a opressão social ocasionado(a) pelo coronelismo.

Para tanto, abordamos o regionalismo, como ele é desenvolvido e representado em *VIDAS SECAS*. Nesse ato, destacamos a importância de Graciliano Ramos, sua obra e como ela influenciou o meio artístico, também expomos uma fundamentação teórica pautada na relação existente entre a sociedade e a composição literária. Por fim, procedemos a análise da obra, dissecando os aspectos sociopolíticos do texto, as personagens e suas vidas pregressas de maneira que possamos conhecer as principais dificuldades e crises enfrentadas por elas.

2 VIDA E A OBRA DE GRACILIANO RAMOS

2.1 A TRAJETÓRIA DE UM SÁBIO NO SERTÃO

A literatura brasileira formou-se a partir de diversos escritores que a construíram sob a égide de obras alicerçadas nas mais diferentes temáticas, comumente, ligadas à criatividade e ao olhar crítico dos autores. Dentre tantos que deixaram suas marcas na história ficcional brasileira, destaca-se Graciano Ramos – nascido no dia 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrangulo/AL, “primeiro dos dezesseis filhos do casal Sebastião Ramos de Oliveira, de 37 anos, e Maria Amélia Ferro e Ramos, com então 14 anos de idade” (Moraes, 2012, p. 23).

Graciliano cresceu em uma cidade nordestina, interiorana, onde os costumes e as atividades eram diferentes dos grandes centros da república. Nessa localidade, ele teve contato com uma vida rústica, sertaneja que proporcionou muitos aprendizados, contribuindo para que se tornasse o grande escritor e prosador que conhecemos. Desde a mais tenra idade, apesar das dificuldades no aprendizado, Graciliano sempre gostou de textos literários, procurou lê-los e adquirir conhecimentos nesse campo erudito, no entanto, seu primeiro contato com a literatura não foi tão excitante como ele esperava. Nessa direção, Facioli (1987) diz que:

Aos dez anos, ou seja, no ano de 1902, Graciliano leu seu primeiro livro, *O Guarani*, mas a estética romântica não o conquistou, muito menos influenciou sua produção

artístico-literária, apesar de afirmar que admirava ‘[...] as bonitas descrições, a linguagem atraente do autor de Iracema, os lances de fidelidade e de amor platônico de um índio, sentimentos impossíveis entre os nossos selvagens, homens desconfiados e lúbricos, segundo a opinião de Southey, Léry etc’ (Facioli, 1987, p. 31).

O jovem escritor, até então entusiasta, na sua ânsia por leitura, teve contato com a obra de José de Alencar que, mesmo causando-lhe admiração, veio a afastá-lo devido ao estilo romântico, pois possuía uma escrita mais densa, nos moldes não tão atrativos a um leitor adolescente. Contudo, ele não estancou o seu desejo de ler os mais diferentes textos literários, concretizando esse ato em apenas alguns meses. Dessa forma, vários romances de autores como José de Alencar, Júlio Verne e Joaquim Manuel de Macedo haviam sido “devorados” pelo jovem leitor (Moraes, 2012, p. 30).

Toda essa paixão e “voracidade literária”, levou Graciliano a distinguir-se da média e caminhar rumo a tornar-se um dos maiores literatos do país. Isto, sem dúvida, só foi possível porque ainda na sua tenra idade já se aperfeiçoava (literariamente falando), passando a escrever para alguns periódicos da época, como o jornal “O Malho” (Moraes, 2012, p. 33). Este feito veio a divulgar o seu nome para além dos limites de Alagoas e confirmá-lo como um possível novo autor da literatura brasileira daquele momento.

Logo após este período, Graciliano casou-se, “no mesmo ano de 1915, [...] com Maria Augusta de Barros, com quem teve quatro filhos: Júnio, Márcio, Maria Augusta e Múcio” (Marques, 2022, p. 13). Para o autor este casamento foi muito frutífero devido ao nascimento dos seus filhos, porém relâmpago, pois em 1920 a sua esposa Maria Augusta falece deixando quatro filhos e toda uma desestabilidade emocional (Marques, 2022). Recém-viúvo, Graciliano assumiu a responsabilidade de criar os filhos sozinho, o que resultou em uma densa pressão que já não o fazia ter forças para viver, levando-o, às vezes, a pensar em suicídio. Contudo, a vida reservou-lhe algumas mudanças após esse momento, como falou Senna:

No mesmo ano em que se casou com Heloísa Leite, Graciliano assumiu a Prefeitura de Palmeira dos Índios. Com relação à sua candidatura e eleição para prefeito, é interessante destacar um trecho da entrevista realizada por Homero Senna, publicada na Revista do Globo, em 1948, em que Graciliano, com tom crítico, revela como supostamente chegou à Prefeitura da então pequena cidade do interior de Alagoas: ‘Assassinaram meu antecessor. Escolheram-me por acaso. Fui eleito, naquele velho sistema das atas falsas, os defuntos votando (o sistema no Brasil anterior a 30), e fiquei vinte e sete meses na Prefeitura’ (Senna, 1978, p. 51).

Quando a vida parecia ter perdido o brilho devido às dificuldades que enfrentara, à perda irreparável que sofreu e às dificuldades financeiras, surgiu-lhe a oportunidade de reescrever a própria história a partir de dois fatos, um bastante positivo, outro nem tanto. O primeiro foi

conhecer aquela que seria a sua nova esposa (Heloisa Leite), ela completaria o vazio deixado pela esposa falecida. O segundo foi, ainda que forçadamente, tornar-se prefeito da cidade onde morava. Graciliano não tinha em seus planos assumir um cargo público, mas veio a fazê-lo, não completando o mandato pouco tempo depois.

2.2 CAETÉS

Dentre as obras de Ramos que temos conhecimento, destacamos “Caetés” – um texto conciso de grande importância para a formação da literatura brasileira. Esta obra foi publicada no ano de 1933 e despontou em um período de constante “eclosão nordestina” (Santos e Neto, 2023, p. 1657), em que textos de cunho regionalista, na segunda fase do modernismo, estavam trazendo à tona problemáticas sociais vivenciadas em localidades camponesas, em especial, no nordeste do Brasil. Para entendermos melhor este livro, Santos e Neto (2023) declaram que:

O título do livro, ‘Caetés’, é o tratamento do autor ao ‘selvagem’ (tratamento preconceituoso) caeté, os que teriam devorado o Bispo Sardinha (1602-1656), em Alagoas (que na época ainda pertencia à Capitania de Pernambuco), que corresponde simbolicamente ao comportamento humano de João Valério ‘devorar’ a comida de seu rival Adriano. O retrato mordaz feito por Graciliano faz uma reflexão muito peculiar sobre os hábitos da cidade no final da década de 20 do século passado, discutindo relações afetivas e sociais, levando seus leitores a se apropriar de certas visões de mundo (Santos e Neto, 2023, p. 1658).

O livro mencionado traz em si fragmentos da cultura nordestina e da história alagoana. O autor, no processo de gênese da obra, procurou construir uma narrativa já conhecida pelo público, escrevendo-a de um modo diferente e mais atrativo. A narrativa trata de um jovem simples que busca escrever um romance sobre um fato do passado, entretanto, ele enfrenta dificuldades, pois não é valorizado e, para piorar, cultiva um amor platônico pela esposa do seu patrão, amando-a na expectativa de ser correspondido. Nesse enredo é possível identificarmos claramente uma crítica referente à organização social e aos desdobramentos comportamentais de indivíduos inseridos em classes mais/menos abastadas (o modo como tais pessoas pensavam e agiam).

A figura do protagonista de “Caetés” é bastante determinante e faz-se indispensável que, no processo de análise da obra, busque-se entender as principais implicações no que se refere à luta dos intelectuais em meio à sociedade, “note-se que, nesse sentido, a imagem de João Valério representa uma problematização altamente complexa da ambiguidade do papel dos

intelectuais em um momento em que o país passa por mudanças radicais” (Santos e Neto, 2023, p. 1656) que, automaticamente, influenciavam no papel do escritor.

2.3 SÃO BERNARDO

Graciliano possui maestria na construção dos enredos de suas obras e isso se torna evidente ao analisarmos atentamente as histórias que ele escreve. É característica marcante a forma como o autor compõe suas personagens, (re)produzindo nelas uma densidade psicológica e tornando-as relevantes os leitores do texto. Nestas linhas, abordamos o romance “São Bernardo” e a figura de Paulo Honório – protagonista da obra que, de um pobre menino que cresce sem muitos recursos, ascende a proprietário de uma grande fazenda até a sua falência (Santos, 2008). Esta personagem destaca-se, como diz Ramos (2009), porque:

Paulo começa a mudar seus pensamentos, torna-se ambicioso, bruto, capaz de tudo para conseguir o que almeja: ‘Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planejei adquirir a propriedade S. Bernardo’. A partir de então, a fazenda começa a ganhar foco, uma vez que, todos os personagens que aparecem estão ligados a esse espaço de alguma maneira. Além disso, situações como roubos, assassinatos, violência física e psicológica, também ocorrem aí. O protagonista, senhor das terras, revestido de poder, quer exercer senhorio também sobre as pessoas (Ramos, 2009, s/p).

Na narrativa, a fazenda de Paulo Honório torna-se o centro das atenções do conflito dramático. Com tal fim, Graciliano procura descrever a repentina e permanente mudança que ocorre na vida do protagonista, evidenciando as grandes dificuldades que se abatiam sobre as personagens que estavam no entorno literário e propiciando a elas uma presença forte no mundo diegético do texto. A ficção gira em torno da personagem principal que decide se casar com Madalena – uma professora que procura ajudar o seu marido em tudo, inclusive, auxiliando-o nos negócios, contudo, o relacionamento entre os dois desanda de mal a pior, pois Honório tratava mal a esposa e ela, vendo a falência dos seus esforços, acaba por tirar a própria vida (Ramos, 2009).

2.4 ANGÚSTIA

Na elaboração do texto literário pauta-se diferentes pontos de vista, normalmente, advindos do literato e/ou da sociedade que o cerca. Neste quesito, Graciliano é perito, pois em *angústia* ele apresenta constantes críticas sociais e, através do protagonista, trabalha a questão

da angústia e da frustração: “Angústia narra a história de Luís da Silva, um funcionário público e escritor frustrado. Dotado de imensa capacidade de autoanálise, o personagem contempla seus atos passados com clarividência nauseante [...]” (Santos, 2004, p. 137).

Logo, Luís da Silva exprime direta e intensamente suas emoções – sufocantes a ponto de fazê-lo vivenciar uma existência amarga e aumentar o peso do enredo, que se desenvolve buscando compor não simplesmente uma personagem previsível, mas que possui densidade psicológica. Além disso, o protagonista é alguém sem fama, sem reconhecimento, tal como o nome sugere.

Conforme dito, o enredo apresenta as internalizações psicológicas da personagem principal, demonstrando a partir de suas palavras e pensamentos - expressas por meio de lembranças da infância, também amargas – as dores e frustrações que experiencia por toda a vida. Tal como relatado por Santos (2004), a personagem:

[...] mantém existência pacata, profundamente insignificante, porém ao iniciar um romance com Marina, sua vizinha, o protagonista irradia pequenos vestígios de satisfação; o casamento é marcado e as poucas economias de Luis da Silva são despendidas na aquisição de um enxoval para o casal. Mas os planos conjugais começam a dissolver-se com o surgimento de Julião Tavares, homem rico, com pretensões literárias, que acaba seduzindo a ambiciosa e vulgar Marina; após possuí-la passa a enveredar-se em outras aventuras fugazes (Santos, 2004, p. 138).

Como vemos, ainda que insistente na tentativa de mudar os rumos da sua vida, a má sorte acompanha o protagonista de “Angústia” desde a infância, proporcionando-lhe fatos que geram nele um profundo descontentamento com a própria existência, levando-o a um sentimento de saudosismo e amargura constante. No mesmo intento, Luís da Silva muda-se para o Rio de Janeiro, porém, sem obter êxito naquela cidade, regressa à Maceió, onde, aparentemente, uma fagulha de satisfação começa a brilhar diante dele, visto que consegue encontrar uma mulher com quem iria casar, entretanto, ele é traído por ela, restando-lhe somente a frustração e a amargura pela traição e a perda de todas as ínfimas economias devido a compra do enxoval (Santos, 2004).

2.5 VIDAS SECAS

Trata-se de uma das grandes obras de Graciliano Ramos, em que foram abordadas muitas realidades experienciadas pelos nordestinos, o que cooperou para acrescer a relevância do escrito, pois tratava de situações recorrentes naquela época. O autor desenvolve o enredo em torno de uma família de retirantes – Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo, o menino

mais velho e a cachorra Baleia –, que diante da seca impetuosa, segue uma longa caminhada a procura de uma melhor condição de vida (Botoso, 2013). A história segue, como coloca Botoso (2013), até que:

Chegam a uma fazenda abandonada e passam a morar ali. Com a volta das chuvas, volta também o dono da propriedade e quer expulsar Fabiano e sua família dali. No entanto, o dono da terra acaba deixando que Fabiano permaneça na fazenda e trabalhe como empregado. A situação começa a melhorar e Fabiano, um dia, vai à cidade, conhece o soldado amarelo com quem joga cartas e perde seu dinheiro. Depois disso, o soldado insulta-o e o prende injustamente (Botoso, 2013, p. 53).

Ao aproximarem-se da fazenda enxergam o verde dos juazeiros, isso reacende a chama da vida no coração dos transeuntes. A fazenda, próxima dos juazeiros, representava para eles uma nova perspectiva de vida, um renascer em meio às cinzas, visto que agora estavam salvos e a caminhada findou. Todavia, este feito também representava ter que conviver com o dono da propriedade que *a priori* intentou expulsá-los, mas, após esclarecem as pretensões de ambas as partes, fica decidido que Fabiano e sua família permanecem na fazenda, trabalhando na terra e colocando as contas em dia com o patrão no final do mês.

Fabiano, o protagonista de *VIDAS SECAS*, representa os típicos nordestinos da sua época – indivíduos, em sua maioria, pautados na simplicidade, beirando a ingenuidade devido ao seus baixos níveis de escolarização como também viviam alheios às maldades que os cercavam. Desse modo, a personagem principal fazia o seu trabalho na fazenda, cumprindo o seu papel para com o seu senhor, porém, nas prestações de conta, ele sempre era ludibriado pelo patrão, que o roubava nas contagens e colocava a culpa nos juros (Botoso, 2013). Mesmo sendo roubado, o vaqueiro continua na fazenda até que a seca volta, forçando-o, então, a reiniciar sua jornada, como da outra vez, em busca de uma vida melhor (Botoso, 2013).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O TEXTO LITERÁRIO E A SOCIEDADE

A formatação da literatura acontece, progressiva e constantemente, através das diversas transformações que o mundo vivencia. Tais mudanças possibilitam um avanço na subjetividade humana que, por sua vez, alcança uma maior liberdade de formação e expressão do pensamento. A queda do monopólio da religião sob a produção de conhecimento, possibilitou uma maior liberdade de fala e atuação dos artistas até então reprimidos.

Todavia, essa liberdade não resultou somente da possibilidade de expressão intelectual das pessoas que antes estavam submetidas à proibição, pois sabemos que grandes mudanças ocorreram na sociedade e refletiram em diversos âmbitos da vida humana, como também na literatura. Por essa razão, o texto literário tanto exerce influência como reflete o meio social que está inserido. Vejamos o pensamento de Candido (2006) a esse respeito:

Neste ponto, surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam (Candido, 2006, p. 27).

O trecho citado mostra-nos que sociedade e literatura dificilmente andam separadas, sendo indispensável, na visão de Candido (2006), entender como a relação entre elas acontece antes de analisarmos um texto literário, posto que ele resultou da observância do meio social, ao mesmo tempo que, isoladamente, possui o poder impactar sobre a coletividade. Com isso, ao procurarmos compreender a literatura devemos discernir melhor as circunstâncias sociais que a obra traz em si a fim de chegarmos às bases/origens que explicam os episódios apresentados, ou seja, os pormenores externos que ditam os internos, formando encadeamentos de ideias no compendio ficcional.

Logo, o texto artístico possibilita-nos conhecer um mundo diferente, que por vezes está ao nosso redor, mas por um motivo ou outro não conseguimos dedicar atenção. Nesse viés, a obra literária revela uma realidade vigente que nos circunscreve e está presente em nosso cotidiano. Nas palavras de Candido (2006, p. 18) “Um segundo tipo poderia ser formado pelos estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos”. Contudo, como demonstra Sapiro (2019), a obra literária apresenta outros pontos de vista, visto que:

Primeiramente, o sentido de uma obra não reside somente em sua construção interna, como querem os hermeneutas, mas também em um espaço dos possíveis nacional ou internacional, cujos contornos são traçados pelo conjunto das produções simbólicas do presente e do passado. [...] Ela veicula representações do mundo social, que podem ser mais ou menos compartilhadas pelos contemporâneos (em função do grupo social: classe, gênero, nação, etnia...) [que] se encontra nos textos não literários (Sapiro, 2019, p. 11-12).

Isso acontece porque uma obra literária não se resume a um bloco coeso de informações e pensamentos, mas compreende um entrelaçamento de fatos, ocorridos ou vislumbrados, que a formam conferindo-lhe beleza estética. Desse modo, os textos literários não são compostos

apenas por fatores intratextuais que tratam da habilidade poética e da criatividade do escritor, visto que fatores extratextuais (sociais, geográficos, demográficos, históricos, culturais, etc.) também fazem parte da formação do sentido no âmbito sociológico.

Nesse processo, adentramos na dinâmica da constituição do compêndio literário, em que podemos elencar diversos fatores predominantes que conferem forma aos textos. Tais aspectos fazem parte de uma realidade que não perpassa o escritor, no entanto é instigante para ele. Inicialmente, citamos os escritores da segunda geração do modernismo que ficaram conhecidos como “geração de trinta” e expuseram em suas obras as realidades vigentes na época e na sociedade que viviam, fazendo da literatura um recurso de denúncia social através de seus escritos.

Esta conjuntura leva-nos a entender a significância da literatura para as demandas sócio-políticas, ajudando a orientar/modular o pensamento coletivo e pôr em pauta as asseverações correntes, uma vez que, como mencionado, ela apresenta/promove grandes influências do/no meio em sua constituição. Nessa lógica, Candido (2006, p. 28) declara que “talvez tenha sido Madame de Staél, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”. Logo, é possível afirmar que a literatura se exprime a partir do social, permitindo analisar também o seu nível de correspondência com a realidade, como descreve Candido (2006):

Na prática, chegou-se à posição criticamente pouco fecunda de avaliar em que medida certa forma de arte ou certa obra correspondem à realidade. E pulularam análises superficiais, que tentavam explicar a arte na medida em que ela descreve os modos de vida e interesses de tal classe ou grupo, verdade epidérmica, pouco satisfatória como interpretação. Exemplo típico é o livro sobre Martins Pena, onde Sílvio Romero se limita a descrever os tipos criados pelo teatrólogo e indicar que espelham os da vida corrente (Candido, 2006, p. 28-29).

Ao compreendermos que a arte expressa a realidade, comprovamos que o real tem influência sobre a expressão artística de um povo, mas é indispensável questionar até que ponto a arte, de fato, expressa a realidade. Convenhamos, sempre que alguém vai compor determinada obra, automaticamente, atem-se aos conhecimentos prévios (neste caso, sociais), no entanto, nem sempre tais conhecimentos correspondem a fatores que representam uma realidade palpável, pois, a fim de intensificar o conflito dramático, alguns autores constroem fatos que aumentam o nível de densidade psicológica da personagem.

É possível observar tal estratégia em livros escritos por autores naturalistas, visto que, de certa forma, eles alteravam a representação da realidade, destorcendo-a para que o real

parecesse mais animalesco e, assim, pudessem deter o interesse dos leitores sobre o texto lido. Todavia, apesar de não expressar de modo patente a problematização do momento retratado, ainda que indiretamente, latente, muitos textos literários expressam a situação verídica, a ponto daqueles que o leem conseguem extrair algum aprendizado e/ou identificar críticas sociais.

Por conseguinte, é exequível compreendermos como ocorre o desenvolvimento do todo literário, ou seja, a maneira como ele se configura, entendendo que o texto não é apenas superficial, mas profundo em seus sentidos. Como isso, entendemos que o panorama do texto em relação à sociedade possui uma função social, tal como coloca Sapiro (2019, p. 18) “[...] o problema da tensão entre análise interna e análise externa, a primeira se interessando pela estrutura das obras, enquanto a segunda insiste em sua função social”. Logo, urge buscarmos entender a realidade intrínseca de cada texto, conscientes de que ele possui dois sentidos, como diz Candido (2006):

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (Candido, 2006, p. 29).

A partir destas palavras, compreendemos qual percurso metodológico podemos tomar para conhecermos as principais implicações dos textos românticos, tendo em vista que eles se constroem sob diferentes ligações entre fatores não essencialmente literários, tais como o meio, a sociedade, a política, entre outros. Dessa forma, as produções ficcionais são consideradas bastante sociais e influenciáveis. Em termos sociológicos, apontamos para o fato de que elas deixam transparecer nas entrelinhas conceitos e pensamentos coletivos que exprimem a perspectiva dos indivíduos que as produzem, traçando a sua relevância dentro da conjuntura sociocultural.

Em seu intercurso, as obras literárias produzem/imprimem na sociedade uma série de concepções e ponderações que visam esclarecer/influenciar o cenário que as cerca. Tal feito é viável porque aquele que entra em contato com elas pode moldar ou ser instigado a mudar a sua percepção cognitiva sobre a conjuntura geral. Ademais, podemos repensar os conceitos e as verdades que temos como incontestáveis, é o que tem acontecido desde os primórdios da literatura, pois, em seus escritos, a arte literária visa transmutar diferentes cenários através do condicionamento do pensamento externo baseado em seus tramites internos.

Tudo isso tende a aumentar a relevância da obra, que sempre aborda temas relevantes no intuito de formar opiniões e pensamentos diferentes, independentemente do nível social ou da capacidade intelectual do leitor. Este, quando lê quase que automaticamente, tende a edificar um novo aprendizado e a reeditar os conhecimentos adquiridos anteriormente. Assim, faz-se indispensável compreender o caminho metodológico que, muitas vezes, é pretendido pelo autor durante a elaboração da sua obra, posto que, inevitavelmente, ele sempre vai lidar com os fatores externos e internos que determinam a construção textual, tal como destaca Candido (2006):

[...] os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (Candido, 2006, p. 30).

No trecho citado, compreendemos como se dá o processo de desenvolvimento do texto ficcional, percebendo que ele passa pela intelectualidade do autor, bem como pela singularidade do receptor. Nesse interim, surgem os desdobramentos do percurso literário, uma vez que o escritor, não ausente da sua posição social, muito menos dos ideais pessoais, encarrega-se da construção do compêndio textual, conferindo-lhe uma identidade tanto literária como social. Por outro lado, vale considerar que o autor também precisa focar na configuração única dos seus receptores e, com isso em mente, propiciar que seus escritos toquem as especificidades do público a ponto de influenciar suas ideias e noções.

Como expresso por Candido (2006), o ato de produção literária caminha por saber escolher o tema a ser tratado, o que, sem dúvida, influencia a aceitação e a recepção do público. Nesse processo, conhecemos os impulsos interiores e os elementos históricos presentes na escrita que impulsionaram o escritor durante a elaboração da obra, partindo-se da percepção de que ele é perpassado pela soberania do meio, posto que é impossível um sujeito social desprender-se do contexto, da realidade e viver avulso.

Tais elementos, geralmente, aparecem nas (entre)linhas do texto e podemos observá-los nos construtos literários dos últimos séculos, uma vez que nestas produções a realidade vivenciada pelo autor interliga-se com o que é dito na formulação da obra, o que, sem dúvida, acabava refletindo na pena do autor. Logo, decididamente, o meio exerce influência sobre o texto, em concordância com Sapiro (2019, p. 14) ao atestar que “nesta ótica, a abordagem sociológica do fazer literário é concebida como o estudo das mediações entre as obras e das

condições sociais de produção das mesmas”. Ademais, é viável investigar o processo de condicionamento social que, igualmente, inspira o desenvolvimento da composição literária, conforme aponta Candido (2006):

Este ponto de vista leva a investigar a maneira por que são condicionados socialmente os referidos elementos, que são também os três momentos indissolavelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da comunicação artística, como autor, obra, público. A atuação dos fatores sociais varia conforme a arte considerada e a orientação geral a que obedecem as obras (Candido, 2006, p. 31).

Assim, na produção literária são acrescentados não apenas textos, pensamentos e inspirações do autor, porquanto há um processo de condicionamento artístico que emana da sociedade e tem sua gênese na conjuntura desta, ou seja, na consciência coletiva que dita e propaga pontos de vista. Tal feito faz referência ao comportamento, à forma de vestir, à maneira de falar, etc. Portanto, ao lermos determinado romance, entramos em contato com uma cultura que não conhecemos, visto que ela faz parte de outra época e condicionou o autor no ato da escrita.

Esse processo de produção literária pauta-se em três momentos: autor, obra e público – que pode ser considerado como a “tríade literária” e dele surgem todos os outros compêndios existentes. O autor é aquele que faz o trabalho pesado, é ele quem tece as palavras para que, através delas, surja um texto eivado de opiniões e ideias de uma época, um povo, uma cultura, originando uma bela composição teórica capaz de ditar um pensamento de época.

Quanto à obra e ao público, ambos são muito importantes no que se refere ao estabelecimento do sentido e da função do texto, dado que desses dois elementos resulta um trabalho único, individual, singular. Na tríade, a obra é responsável por interligar as experiências do escritor com o público e, para tanto, deve ser bem construída pelo autor, conduzindo-a rumo ao propósito esperado – impactar o leitor, conectando-o à obra a ponto de ser transformado/instigado por ela. O público é o receptor não somente passivo, mas também ativo no processo de construção da arte literária, visto que é ele quem lê o texto, analisando-o e extraindo dele suas próprias conclusões, o que pode elevá-lo a uma categoria superior mediante a possibilidade de (não) adesão ao pensamento veiculado.

4 ANÁLISE DA OBRA

4.1 UMA REALIDADE DE SECA E MISÉRIA

O nordestino, ao longo dos séculos, vem enfrentando constantes desafios na vida diária, o que tende a forjá-lo e torná-lo mais forte, mais resistente às pancadas que sofre. Dentre tantas dificuldades enfrentadas, podemos pautar a seca— um fenômeno climático que, por vezes, torna-se recorrente na região nordeste, deixando as pessoas em situação de fragilidade. Esta realidade torna-se mais palpável quando tratamos das secas que ocorreram nos séculos XIX e XX, em que a sociedade apresentava uma maior vulnerabilidade socioeconômica em relação aos dias atuais, intensificando as dificuldades vivenciadas pela maioria dos nordestinos.

Esta temática foi abordada por Graciliano Ramos em *VIDAS SECAS*, realizando constantes denúncias acerca da condição socioeconômica do povo nordestino na época retrata (década de 1930). Observamos que o autor, ao longo da trama, discorre sobre diversos temas, porém ele dá ênfase à seca e à miséria enfrentadas pelos personagens: “a caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos” (Ramos, 1986, p. 8). Nesse breve trecho, notamos as ênfases dadas à paisagem assolada pela seca, às ossadas brancas, aos urubus que voam como sinal e símbolo de morte e destruição. Vejamos como Ramos (1986) descreve com minúcia tal cenário:

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido. Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral (Ramos, 1986, p. 10).

Neste fragmento, o autor aborda claramente a destruição ocasionada pelas secas recorrentes. Como habitantes do sertão, entendemos a importância da agropecuária para a nossa cultura, também para a economia e a sobrevivência da população, por isso, o curral vazio gera um sentimento de angústia, de dificuldade, de miséria, pois, no cotidiano nordestino, a vaca, a cabra, as ovelhas fornecem o leite e a carne para garantir a subsistência. Desse modo, o curral vazio, a ausência do som dos chocalhos e a casa do vaqueiro deserta representam um cenário assolado, reforçando a sensação de morte da esperança que resistia no grupo de retirantes ao ver os juazeiros verdejantes, aproximando-se da propriedade no intento de encontrar, ao menos, um pouco de vida, descanso e alimento.

No período da seca, a vida do nordestino baseava-se em ir e vir, dependendo das chuvas. Por esse motivo, Fabiano e sua família, uma vez estabelecidos na fazenda abandonada, esperavam viver uma nova realidade, entretanto, a estiagem sempre os assombrava: “sentia-a

como se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. Alguns dias antes estava sossegado, preparando látigos, consertando cercas” (Ramos, 1986, p. 85). A possível aproximação dos tempos secos gerava um “arrepio na espinha” do vaqueiro, que já pensava, caso isso acontecesse, nos sofrimentos e nas privações que enfrentaria. Consideremos o que diz Ramos (1986):

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a caatinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre (Ramos, 1986, p. 88).

A família do vaqueiro vivenciou uma boa fase na fazenda, porém a sina da escassez estava, mais uma vez, batendo à porta, pois a seca estava de volta. A estiagem chegou sorrateiramente, Sinhá Vitória rezava na diligência de conseguir uma intervenção divina em relação ao que estavam enfrentando e a cada conta do rosário que ela passava renovava a esperança da chuva voltar. No entanto, não era o que estava acontecendo, a caatinga estava seca, sem vida e Fabiano, sentado no copiar, observava a imagem da tragédia que se avizinhava: as catingueiras secas, as folhas amareladas, os redemoinhos que as trituravam e junto destruíam as esperanças do protagonista que considerava a possibilidade de retomar as instabilidades das viagens.

Apesar das dificuldades enfrentadas nas viagens, ao fazê-las, os retirantes não levavam somente os poucos “cacos” que possuíam, também carregavam consigo uma vaga esperança de encontrarem uma vida melhor. Todo emigrante, em qualquer parte do mundo, sonha em usufruir uma vida melhor, com condições favoráveis de subsistência e era isso o que Fabiano e sua família almejavam: “chegariam a uma terra distante, esqueceriam a caatinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais [...]” (Ramos, 1986, p. 93).

Nesse sentido, Ramos (1986) expressou o desejo que as pessoas, vítimas da estiagem na época retrata, traziam no âmago, expondo uma crítica acerca dos problemas sociais em nosso país. Rêgo (2013) diz que mediante esta disposição do autor:

[...] percebemos a estreita relação que é estabelecida entre a arte e o social, de modo que o olhar se volta para o povo nordestino e para as dificuldades por eles vivenciadas. Este fator mais regional é o que fará com que a estética também seja reconhecida como regionalismo de 30. Considerando a perspectiva defendida, houve temáticas que

obtiveram certo privilégio entre os romancistas, das quais destacamos a seca, a emigração e a exploração do homem (Rêgo, 2013, p. 9).

Assim, ao retratar o nordeste do início do século XX e suas constantes dificuldades, Ramos (1986) traz à tona uma série de desafios enfrentados pelo povo nordestino diante da realidade da seca como uma denúncia efetivada por meio do regionalismo de 1930, escola literária na qual suas obras estão inseridas. Nas composições de Graciliano emergem temas que muitos leitores não apreciam, como a seca, a miséria e a exploração do homem, contudo, ao abordá-las, ele constrói um pano de fundo literário, em que as pessoas, antes esquecidas ou desconsideradas por grande parte da sociedade, obtêm notoriedade nacional e a chance de encontrar soluções viáveis para os problemas que elas enfrentam, evidenciando a ligação entre eles e a inércia do poder público.

Graciliano enxerga uma lacuna nas obras de muitos literatos da sua época, muitos, então, não atentavam para os nordestinos nem para as dificuldades vivenciadas por eles. Esses sofrimentos também eram, na maioria das vezes, também ignorados pelas lideranças políticas que se mantinham apar delas. Porém devemos entender a participação das autoridades nesse cenário, entretanto somente a volta das chuvas poderia atenuar a situação. “a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos [...]” (Ramos, 1986, p. 51). A expressão “engordariam” fala de um crescimento, uma prosperidade, uma nova vida que somente as chuvas trariam para o povo nordestino.

4.2 UMA OPRESSÃO DOS GRANDES

Fabiano, grande vaqueiro, sempre se destacava no exercício da sua função não obstante a fazenda que passasse, porém ele possuía a sina de ser pobre. Logo, sempre estava em posição de subserviência em relação aos outros, principalmente, pessoas abastadas ou que dispunham de alguma vantagem. Desse modo, exigia-se que ele trabalhasse sem questionar ou mesmo refletir sobre as humilhações que sofria: “vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra” (Ramos, 1986, p. 15). Tal forma de tratamento, sem dúvida, incomodava-o, conforme podemos notar no diálogo interno que o trecho sugere e na ânsia manifestada pelo vaqueiro de sair dessa posição humilhante, porém sem êxito:

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, o Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se (Ramos, 1986, p. 18-19).

O patrão representa uma figura de autoridade em relação ao protagonista devido o poder que ele detinha sob o serviçal, daí a aspereza no tratamento dispensado ao vaqueiro. Por sua vez, Fabiano representava uma pessoa com alto nível de vulnerabilidade social: não sabia ler, escrever, fazer contas, tampouco falar (usava apenas onomatopeias e quando tinha que usar palavras mais rebuscadas atrapalhava-se todo), o que se torna terreno fértil para a opressão. Nos dias hodiernos, com tanta informação a nosso dispor, ainda é comum observarmos pessoas sendo humilhadas, diminuídas, trapaceadas por aqueles com poder aquisitivo suficiente para auxiliá-las, remetemo-nos ao início do século XX com a desinformação/alienação promovida para fins políticos, assim como o atraso na comunicação, certamente, as provocações, os ultrajes eram mais frequentes. Logo, ser pobre, sem o mínimo de instrução, naquela época, era sinônimo de sofrimento e aqueles que viviam à margem da sociedade, como as pessoas oriundas da zona rural, as prostitutas, os doentes, entre outros, eram desprezados, até mesmo, pelas autoridades.

Seguindo com a análise da obra, é possível verificar que Fabiano teve alguns problemas com figuras superiores a ele, posto que, além do patrão, a personagem também sofreu sob o poder do soldado amarelo que tanto proporcionou-lhe uma fragorosa derrota no jogo, como espancou-o, detendo-lhe na cadeia por uma noite, todavia, episódios como este eram recorrentes e todos, de alguma forma, queriam passar-lhe para trás: “[...] o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era bruto” (Ramos, 1986, p. 72). Examinemos mais uma situação embaraçosa que o protagonista enfrentou com o proprietário da fazenda:

O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando (Ramos, 1986, p. 58).

Na cena descrita, notamos mais um episódio de opressão e preconceito para com Fabiano, desta vez, o patrão tenta trapaceá-lo na hora do acerto de contas. Ramos (1986) demonstra minuciosamente como ocorre a ação do patrão, que, intencionalmente, realiza as contas de modo incompreensível, já que, desta forma, Fabiano não compreenderia, pois não

entendia de contas, era analfabeto, leigo na matemática. Tudo leva-nos a entender a realidade vivida por muitos sertanejos até 1930, como eles estavam sujeitos às mais diferentes injustiças e dificuldades impetradas pelos indivíduos tidos como maiores e, tal como o protagonista de *vidas secas*, viam-se impotentes, sem reação nem recursos que pudessem mudar essa situação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, abordamos temáticas relacionadas às denúncias sociais, em especial, as que estão ilustradas no romance *VIDAS SECAS* de Graciliano Ramos. Igualmente, buscamos encontrar, nas suas entrelinhas, as dificuldades vivenciadas pelos protagonistas e, no intercurso da obra, evidenciamos os sofrimentos experienciados pelo povo nordestino daquela época (1930).

Primeiramente, apresentamos um apanhado biográfico do autor – em que expomos aspectos da sua infância, a sua iniciação na vida de escritor, o primeiro contato com a literatura e o texto ficcional, assim como o primeiro texto autoral publicado e os aspectos relacionados à vida conjugal (casamento, filhos, viuvez, etc.), mostrando como estes acontecimentos desestruturaram Graciliano emocionalmente, ao mesmo tempo que lhe deram ânimo para continuar seus trabalhos literários.

Na fundamentação teórica, estabelecemos uma ligação entre a literatura e a sociedade – em que discutimos como a literatura pode influenciar a sociedade e vice-versa. Nesse ponto, discorreremos sobre a forma como as circunstâncias sociais e as dificuldades cotidianas são relatadas/destacadas nos textos literários, comprovando que o romance analisado foi muito influenciado pelo meio, do mesmo modo que ficou esclarecido o quanto uma obra literária exerce influência sobre a sociedade.

Por fim, a análise do romance pautou-se em investigar as personagens e suas vivências no mundo diegético. Tratamos sobre como surgem, no texto ficcional, a realidade de seca, miséria e opressão sob os vulneráveis quando relacionada à figura de Fabiano. Durante o processo de análise, também conseguimos identificar que a seca e a miséria são aspectos conjuntos no cenário da época e como os nordestinos tinham suas vidas diretamente relacionadas às chuvas, sendo que a falta delas acarretava grandes prejuízos para eles, por isso depositavam todas as esperanças nelas.

Quando observamos a realidade de opressão, entendemos que, naquela época, boa parte dos nordestinos eram pobres, sem instrução, não sabiam ler, escrever, tampouco expressar-se, por isso, sempre estavam em situação de vulnerabilidade social, ademais, muitos opressores

pertenciam a alta sociedade ou tinham alguma autoridade em relação aos sertanejos, aqueles se esmeravam em diminuir, humilhar e oprimir pessoas, quando percebiam indícios que as tornavam passíveis de humilhações para alcançar vantagens sobre elas.

6 REFERÊNCIAS

BOTOSO, Altamir. Opressores e Oprimidos: uma leitura do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**. Volume 6 – Números 1/2 – Ano VI – dez/2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

FACIOLI, Valentim. **Um homem bruto da terra**. (Biografia intelectual). In: GARBUGLIO, José Carlosest. Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1987, p. 23-106. (Coleção Escritores Brasileiro-Antologiaestudos).

MARQUES, Helton. 2022. Graciliano Ramos: Histórias de uma vida, uma vida de histórias". **Revista estudos em letras** 3 (1): 8-29. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/estudosletras/article/view/7281/5453>. Acesso em: 04 jun. 2024.

MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. [1.ed., rev. e ampl.] - São Paulo: Boitempo, 2012.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 88 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 1986.

RÊGO, Helena Severino do. **A vida ao rés-do-chão**: linguagem e exclusão social em *Vidas Secas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2068/1/PDF%20-%20Helena%20Severino%20do%20R%c3%aago.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2024.

SANTOS, Sueli Bispo Pereira Santos; NETO, Moisés Monteiro de Melo. **A importância da literatura para o aprendizado uma reflexão embasada na leitura do romance “Caetés”, de Graciliano Ramos**: The importance of literature for learning a reflection based on the reading of the romance *Caetés*, by Graciliano Ramos. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 1649–1664, 2023. DOI: 10.34117/bjdv9n1-114. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/56101>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SAPIRO Gisele. **Sociologia da literatura**. Trad. De Juçara Valentino. Horizonte, moinhos/contafios, 2019. Disponível em: <https://editoramoinhos.com.br/wp-content/uploads/2019/11/trecho-1.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2024.

SANTOS, Jaqueline Queiroz Procópio dos. **Escrita e memória em S. Bernardo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/11788/1/Jaqueline.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2024.

SENNA, Homero. **Revisão Modernismo**. In: BRAYNER, Sonia (Org.). Graciliano Ramos (Coleção Fortuna Crítica). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.46-59.

SANTOS, Robson dos. **SOCIEDADE E LITERATURA NO ROMANCE ANGÚSTIA DE GRACILIANO RAMOS**. Revista de Iniciação Científica da FFC, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 133-141, 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/admin/Downloads/adm,+R.I.C.-2004-46%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/admin/Downloads/adm,+R.I.C.-2004-46%20(1).pdf). Acesso em: 04 jun. 2024.